

Das Relações ao Mercúrio: A conquista da periodicidade e as transformações morfológicas e de conteúdo no jornalismo português do século XVII

Resumo

O jornalismo teve a sua génese em Portugal ao longo do século XVII. As publicações informativas ocasionais impressas, redigidas como cartas de novas, de que são exemplo as duas Relações de Manuel Severim de Faria (1626, reimpressa em 1627, e 1628), deram lugar às publicações periódicas, como a Gazeta "da Restauração" (1641-1647) e o Mercúrio Português (1663-1667). Este trabalho tem por objectivo caracterizar a forma e o conteúdo dessas publicações, de maneira a identificar semelhanças e diferenças entre elas e perceber, em particular, quais as transformações – se as houve – provocadas pela conquista da periodicidade. Metodologia: dados do discurso e de referências históricas contextuais obtidas a partir de fontes documentais e bibliográficas, estudo morfológico dos impressos e análise quantitativa e qualitativa do discurso, de enfoque histórico-cultural (e não crítico), a partir de uma leitura sistemática de todos os números das referidas publicações. Concluiu-se: embora não sejam uma publicação noticiosa periódica, as Relações de Manuel Severim de Faria constituem a primeira manifestação portuguesa documentada daquilo que viria a ser o jornalismo noticioso generalista.

Palabras chave: história do jornalismo; Relações de Manuel Severim de Faria; Gazeta "da Restauração"; Mercúrio Português

Resumen

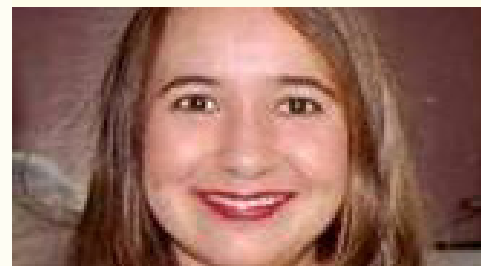
El periodismo tuvo su génesis en Portugal durante el siglo XVII. Las publicaciones ocasionales informativas impresas, escritas como "cartas de nuevas" (como las Relações de Severim de Faria, cuya primera edición fue publicada en 1626, con nueva edición en 1627, saliendo nuevo número en 1628), dieron lugar a periódicos como la Gazeta (1641-1647) y el Mercúrio Português (1663-1667). Este estudio tiene como objetivo caracterizar la forma y el contenido de esas publicaciones, a fin de identificar las similitudes y diferencias entre ellas y lo que ha cambiado con la periodicidad. Se intentó también inferir el papel de esas publicaciones y deducir los posibles efectos que pudieron tener. La metodología se fundó en la investigación documental y bibliográfica y en el análisis cuantitativo y cualitativo del discurso, con enfoque histórico y cultural (no crítico), de todos los números de las publicaciones mencionadas. Se concluyó que, aunque no fueron periódicos de noticias, las Relações constituyen la primera manifestación portuguesa de lo que se convertiría en el periodismo de información general. La Gazeta y el Mercúrio ya corresponden al concepto de periódico de información general.

Palabras clave: historia del periodismo; Relações de Manuel Severim de Faria; Gazeta "da Restauração"; Mercúrio Português



Jorge Pedro Sousa

Português, jornalista, livre-docente (2008), professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa, Porto e pesquisador integrado do Centro de Investigação Media e Jornalismo, Lisboa. É doutor em Jornalismo pela Universidade de Santiago de Compostela - Espanha (1997), instituição onde também desenvolveu pesquisa pós-doutoral (1998-2000).



Maria Érica de Oliveira Lima

Brasileira, jornalista, doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e Universidade Fernando Pessoa Porto. Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PpgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil).

Correo:
merical@uol.com.br
mariaerica@cchla.ufrn.br

Recibido: enero 2013
Aprobado: febrero 2013



comprovadamente, entre 1641 e 1647, por um conjunto sucessivo de redactores, entre os quais, presumivelmente, Manuel de Galhegos, João Franco Barreto e frei Francisco Brandão, igualmente estudadas por Sousa (coord.) *et al.* (2011);

- c) O *Mercúrio Português*, segundo periódico português, redigido pelo político e diplomata António de Sousa de Macedo, entre 1663 e 1666, havendo ainda sete números de 1667 redigidos por autor anónimo, existindo uma edição anotada e transcrita da autoria de Eurico Gomes Dias (2010).

Este trabalho tem por objectivo caracterizar sumariamente a forma e o conteúdo dessas publicações, de maneira a identificar semelhanças e diferenças entre elas. Tentou-se, particularmente, documentar as metamorfoses do jornalismo português ao longo do século XVII, através de uma metodologia que atenta, predominantemente, na análise formal e na análise de conteúdo, desde uma perspectiva histórico-culturológica, empregue em trabalhos similares (Sousa, coord. *et al.*, 2007; Sousa, coord. *et al.*, 2011). Ou seja, pretende-se apurar, aqui, do que falam os periódicos portugueses e como se apresentaram, formalmente, perante o público a que se destinavam.

Para a análise de conteúdo, individualizaram-se e contabilizaram-se as matérias, que, constituindo as unidades de análise, se distribuíram pelas categorias expressas no quadro 1.

Após a contabilização das matérias, procedeu-se ao cálculo de percentagens, que constituíram os índices em que se baseou a descrição estrutural do noticiário dos periódicos e a respectiva comparação.

As Relações de Manuel Severim de Faria

As *Relações* ocasionais a que aqui se alude foram redigidas pelo cónego e chantre da Sé de Évora Manuel Severim de Faria, sob o pseudónimo de Francisco d'Abeu. Elaboraram-se numa época em que Portugal tinha perdido a sua independência, diluindo-se no Império Espanhol dos Filipes. Imprimiram-se dois números. O primeiro foi editado em 1626 e reeditado em 1627. Designava-se *Relação Universal do Que Sucedeu em Portugal*

& *Mais Províncias do Ocidente e Oriente, Desde o Mês de Março de 625 Até Todo Setembro de 626. Contém Muitas Particularidades & Curiosidades.* O segundo número foi editado em 1628, sob o título *Relação do Que Sucedeu em Portugal e Nas*

Quadro 1

Categorias de análise de conteúdo para aferição da estrutura temática dos noticiários

- **Vida política, administrativa e diplomática** – Matérias relacionadas com a política e a administração dos países e territórios. Incluíram-se nesta categoria notícias da actuação do rei e governantes, de nomeações e exonerações para cargos políticos, celebração de cortes, negociações e missões diplomáticas, visitas de estado (quando o tom é essencialmente político e não social), etc.
- **Vida social e religiosa** – Matérias relacionadas com acontecimentos sociais, englobando a dimensão religiosa, profundamente impregnada na cultura da época. São exemplos de matérias englobadas nesta categoria notícias sobre nascimentos, falecimentos, celebrações religiosas, nomeações e exonerações para cargos religiosos, actividades sociais e religiosas da Família Real, etc.
- **Vida económica** – Matérias relacionadas com a actividade económica e financeira. Assim, classificaram-se nesta categoria as matérias referentes à pesca e à agricultura, às indústrias (manufactureiras e outras), a taxas, impostos e outras contribuições, aos movimentos nos portos (partidas e chegadas de frotas, desde que o enquadramento não fosse predominantemente militar), etc.
- **Vida militar e conflitos bélicos** – Nesta categoria contabilizaram-se as matérias sobre guerras e batalhas, preparativos para conflitos bélicos (incluindo obras de defesa dos territórios), escaramuças menores, nomeações para cargos militares e exonerações dos mesmos, actividades militares marítimas, preparativos e intenções de corso e pirataria, defesa das frotas contra o corso e a pirataria, etc. Dado que, a partir do final de 1640, Portugal esteve envolvido numa guerra com Castela pela restauração da independência, esta categoria torna-se fundamental para se perceber a relevância dada ao conflito no âmbito da estrutura temática do noticiário da *Gazeta* (pelo menos até 1642) e do *Mercúrio Português*.
- **Catástrofes naturais e acidentes** – Englobaram-se nesta categoria as matérias relacionadas com ocorrências naturais (tempestades marítimas, temporais, cheias, etc.) ou provocadas pelo homem (navegação deficiente, falta de conservação de navios e infra-estruturas, etc.), que se repercutiram negativamente sobre a actividade humana, provocando, ou não, vítimas.
- **Doenças e fome** – Matérias sobre doenças epidémicas e mortes delas resultantes (excluíram-se desta categoria as notícias sobre as mortes de determinados indivíduos por determinadas doenças). Matérias sobre fomes generalizadas entre as populações.
- **Crimes e justiça** – Matérias sobre assassinatos, roubos, corrupção económica e outras actividades que infringiam a lei. Prisões, extradições e exílio de indivíduos por actividades criminosas (não políticas).
- **Acontecimentos insólitos** – Nesta categoria de análise do discurso incluíram-se as matérias sobre pretensos milagres (mesmo quando a intenção da sua revelação é política e propagandística), aberrações da natureza, ocorrências bizarras, etc.

Mais Províncias do Ocidente e Oriente Desde Março de 1626 Até Agosto de 1627. Ambas fazem parte da obra manuscrita *História Portuguesa e de Outras Províncias do Ocidente, Desde o Ano de 1610 Até o de 1640 da Feliz Aclamação d'El Rei D. João o IV Escrita em Trinta e Uma Relações*, do mesmo autor, sendo, respectivamente, a 16ª e a 17ª. Como outras, essas relações manuscritas foram simultaneamente concebidas como uma espécie de *anúrios noticiosos*, colectâneas de notícias sobre acontecimentos passados num determinado período, e *cartas de novidades*, missivas que alimentavam redes de correspondentes que os eruditos estabeleciam um pouco por toda a Europa (Espejo, 2011, p. 189-202), promovendo o intercâmbio noticioso e, com ele, o interesse e a expectativa pela informação.

É de salientar que as *Relações* de Severim de Faria foram feitas para circularem e serem vendidas, como o comprovam as taxas pagas e, por conseguinte, cumprimento dos requisitos de licenciamento e censura legais, estabelecidos nas Ordenações do Reino (Livro V, título 102), reforçadas por Carta Régia de 26 de Janeiro de 1627. Sendo caras, dirigiam-se, certamente, às elites e, eventualmente, a vendedores errantes que em cada terra liam as notícias a troco de dinheiro.

Formalmente, as *Relações* apresentavam-se em formato de *quarto* (sensivelmente 13,5 x 19 cm) e

as primeiras páginas tinham frontispício, embora só o do primeiro número ostente uma vinheta. O interior era paginado a uma coluna, em fonte da família romana, similar à Elzevir. Cada número teve 32 páginas.

O conteúdo das *Relações* é, todo ele, noticioso (Sousa, coord. et al., 2010). Percentualmente, tal como podemos observar no quadro 2, a maioria das notícias diz respeito a acontecimentos de cariz militar.

Quadro 2

Temas predominantes das matérias das Relações

Matérias	%
Vida política, administrativa e diplomática	23
Vida social e religiosa	29
Vida económica	3
Vida militar e conflitos bélicos	36
Catástrofes naturais e acidentes	7
Doenças e fome	1
Crimes e justiça	0
Acontecimentos insólitos	1
Total	100

Podem inferir-se, pelo quadro 2, que o noticiário das *Relações*, do país e estrangeiro, se centra nos



Fig. 2 – Os dois números impressos das *Relações* de Manuel Severim de Faria apresentavam frontispício, como o primeiro número do *Nieuwe Tijdinghen*. No interior, paginado a uma coluna, as notícias sucediam-se umas às outras, sendo antecedidas por uma fórmula retórica epistolar, pois são cartas de novas.

conflitos bélicos (36% das matérias), na política e administração (23% das matérias) e na vida social e religiosa (29% das matérias), sendo que, neste caso, se deve assumir que a religião era, no início do século XVII, o principal traço da vida social (missas, procissões, festas religiosas...). O equilíbrio do noticiário era um critério de noticiabilidade com pouco sentido nesses dias, exceção feita ao equilíbrio entre matérias sobre política e administração, conflitos bélicos e vida social e religiosa. No geral, em termos do que foi notícia, as *Relações* não se afastam muito daquilo que, estruturalmente, hoje é notícia nos jornais generalistas. Os padrões de noticiabilidade, conforme argumentam Stephens (1988, p. 34) e Traquina (2002, pp. 173-178), têm-se mantido estáveis ao longo do tempo. Ontem como hoje, a política e a administração dos países, a guerra e os acontecimentos relevantes da vida em comunidade ocupam grande parte das notícias.

A Gazeta “da Restauração”

A *Gazeta* “da Restauração” por vezes é denominada pelo título daquele que, aparentemente, foi o seu primeiro número (*Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*) e outras vezes pelo plural “Gazetas da Restauração”. “Restauração” é, no entanto, uma mera alcunha, referente ao período em que foi publicada – acompanhou os primeiros anos de reinado de D. João IV, o restaurador da independência de Portugal (depois de 60 anos de monarquia dual com Castela), primeiro rei da Dinastia de Bragança, que ocuparia o trono português até à implantação da república, em 1910.

Embora nem sempre tenha tido uma periodicidade certa, a *Gazeta* pode considerar-se uma publicação periódica, pois foram publicados sucessivamente (pelo menos) 37 números ao longo de quase seis anos, entre Novembro de 1641 e Setembro de 1647, possibilitando ao público o consumo de novas informações com alguma regularidade.

Em Julho de 1642 a *Gazeta* suspendeu a publicação por força de uma lei promulgada a 19 de Agosto de 1642, que proibia as gazetas “com notícias do reino ou de fora, em razão da pouca verdade de muitas e do mau estilo de todas elas”. De qualquer maneira, a *Gazeta* retomou a publicação em Outubro de 1642, mas passou a

ostentar a designação “*de Novas Fora do Reino*”, embora, entre Outubro de 1642 e Setembro de 1647, tenha publicado notícias sobre a “frente” do Alentejo na guerra pela independência, sobre missões diplomáticas portuguesas, etc., certamente com o consentimento, ou mesmo com a conivência, do poder político. De qualquer modo, deve notar-se que os “jornais” portugueses seiscentistas prestavam relevante atenção à informação do estrangeiro, devido, em grande medida, às transcrições que faziam de matérias dos jornais de outros países europeus. Essa tradição de consumo de informação internacional na Europa remontava, inclusivamente, às redes de correspondentes formadas pelos eruditos europeus desde o Renascimento (Espejo, 2011, pp. 189-202).

O padre e poeta Manuel de Galhegos foi o primeiro editor da *Gazeta*, por alvará régio de 16 de Novembro de 1641. Sabe-se, também, que o padre e historiógrafo João Franco Barreto, por alvará régio de 29 de Julho de 1642, teve licença para “traduzir e imprimir as relações de França e suas gazetas”, o que poderá indiciar que passou a ser ele o editor da *Gazeta* após essa data, devido a um hipotético desagrado do poder régio com o trabalho de Galhegos. Também o historiógrafo e monge cisterciense frei Francisco Brandão, autor da quinta e sexta partes da *Monarquia Lusitana*, entre outras obras¹, poderá ter dado a sua colaboração ao periódico (Cunha, 1941, p. 52-58).

Formalmente, a *Gazeta* apresentava-se em formato de *quarto* (sensivelmente 13,5 x 19 cm). Somente o primeiro número apresentava frontispício. Os restantes não o têm, sendo a primeira página ocupada pelo título da publicação, que incluía o mês (*Gazeta do Mês de Y de 16XX*), o que acentuava a ideia de *periodicidade*; por uma chamada relativa ao tema forte (embora somente a partir de 1643); e por informações. As informações sucediam-se umas às outras sem grandes preocupações com a ordem ou a hierarquia, sendo possível que fossem redigidas à medida que fossem sendo recolhidas. Toda a *Gazeta* era paginada a uma coluna, em fonte similar à Elzevir, da família romana. O número de páginas oscilou entre dez e dezoito.

¹ É da sua autoria, por exemplo, uma relação (relato antecessor das modernas reportagens) intitulado *Relação do Assassínio Intentado por Castela Contra a Majestade de El-Rei D. João o IV, Impedido Miraculosamente* (Lisboa: Tipografia de Paulo Craesbeeck, 1647).



Fig. 3 – O primeiro número da Gazeta “da Restauração” apresentava frontispício, que se perde logo no segundo número, à semelhança do que acontecia com a Gazette de Renaudot. A partir de Outubro de 1642, a Gazeta torna-se na Gazeta de Novas Fora do Reino. A partir de Abril de 1643, a maioria dos números apresenta uma chamada para a informação mais importante, em jeito de “manchete” (no número de Janeiro de 1645, que serve de exemplo, a chamada focalizava-se nas cerimónias de entronização de um novo papa).

O conteúdo da *Gazeta* é, quase todo ele, noticioso (Sousa, coord. *et al.*, 2010, p. 322 afirmam que somente 1% das matérias não o é). Percentualmente, tal como se pode observar no quadro 3, reflectindo a conjuntura das Guerras da Restauração e da Guerra dos Trinta Anos, esta publicação presta mais atenção aos acontecimentos bélicos do que as *Relações* de Severim de Faria (mais 10% de matérias).

Quadro 3

Temas predominantes das matérias da *Gazeta*

Matérias	%
Vida política, administrativa e diplomática	20
Vida social e religiosa	21
Vida económica	3
Vida militar e conflitos bélicos	46
Catástrofes naturais e acidentes	1
Doenças e fome	1
Crimes e justiça	2
Acontecimentos insólitos	2
Outros assuntos	4
Total	100

Além da enorme percentagem de notícias bélicas, não surpreende que 20% das matérias estejam relacionadas com a vida política, administrativa e diplomática, devido ao esforço diplomático

e político do regime saído da restauração da independência (1640) e da Dinastia de Bragança. Os restantes assuntos são relativamente pouco noticiados, tal como já acontecia nas *Relações*, com excepção da vida social e religiosa, tema com alguma repercussão noticiosa (21% das notícias). Assim, pode dizer-se que a *Gazeta* e as *Relações* comungam, até certo ponto, uma mesma orientação editorial, fruto da conjuntura da época e dos valores algo intemporais que tornam os factos dignos de serem relevados como notícias (Stephens, 1988, p. 34; Traquina, 2002, pp. 173-178).

Mercúrio Português

Após o término da publicação da *Gazeta* “da Restauração”, Portugal esteve dezasseis anos sem publicações periódicas, apesar de continuarem a surgir folhas volantes, ocasionais, muitas delas bélicas e panegíricas da restauração da independência do reino², que teriam contribuído

2 Por exemplo: MACEDO, António de Sousa de, Fala que fez o Dr. António de Sousa de Macedo, do Conselho da Fazenda de Sua Majestade, no Juramento de Rei do Muito Alto e Muito Poderoso D. Afonso VI Nosso Senhor em quarta-feira 15 de Novembro de 1656 (Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1656); Relação da insigne vitória que o governador das armas D. Sancho Manuel alcançou dos castelhanos, em que foi morto D. Sancho de Monroy, seu governador das

para suprir as necessidades propagandísticas da restauração, do rei e da Casa de Bragança e as necessidades noticiosas do público. A situação só se inverteria com o surgimento d'O *Mercúrio Português*, em 1663, pela mão de António de Sousa de Macedo (1606-1682), diplomata afecto à causa da restauração e estadista. O jornal duraria até 1667, cobrindo um período de intensa intriga palaciana³ e de intensificação do conflito independentista com Castela⁴, embora o seu fundador apenas o tenha redigido até Dezembro de 1666, ano em que foi forçado a afastar-se da corte devido a um desentendimento com a rainha (Mattos, 1944, p. 373; Cunha, 1941, p. 58; Tengarrinha, 1989, p. 41). Permanecem no anonimato o redactor, ou redactores, desses últimos sete números do *Mercúrio Português*, que, de qualquer modo, por pouco tempo conseguiu, ou conseguiram, continuar a obra de Macedo.

Com o *Mercúrio Português*, relançou-se o *periodismo* em Portugal. Ao longo da sua existência saíram, com rigorosa periodicidade mensal (algo que a *Gazeta* de 1641-1647 não tinha conseguido manter), 48 números e dois suplementos (Junho de 1664 e Junho de 1665). O desaparecimento do *Mercúrio Português* levou Portugal, num quadro barroco de intensificação do absolutismo, a ficar sem publicações periódicas consistentes até ao surgimento do jornal oficioso *Gazeta de Lisboa*, em 1715. O fim da guerra pela independência de Portugal (formalmente, no início de 1668, apesar de o conflito ter esmorecido a partir da derrota espanhola na batalha de Montes Claros, travada em 1665) também esfumou um dos pretextos da

armas (Lisboa: Oficina de António Alvarez, 1650); Relação do sucesso que tiveram as armas portuguesas governadas por D. Sancho Manuel, conde de Vila Flor, e governador das armas do partido de Castelo Branco, na provincia da Beira, em 17 de Dezembro do ano passado de 1661 (Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeeck, 1662), etc.

3 O Rei D. Afonso VI, mentalmente débil e impotente mas de carácter violento, tinha-se emancipado como manarca na sequência de um golpe palaciano orquestrado, em 1662, pelo conde de Castelo Melhor contra a regente, a rainha-mãe, Dona Luísa de Gusmão. As rédeas do poder régio transitaram para Castelo Melhor e seus partidários, entre os quais António de Sousa de Macedo, redactor do *Mercúrio*. Mas o poder real era minado pelos que queriam levar à regência o príncipe D. Pedro, irmão do Rei. O *Mercúrio* pode, assim, inserir-se dentro da estratégia governamental de enaltecimento da figura do Rei, de ocultação dos defeitos do monarca e de apoio à política governamental e à guerra contra Castela pela independência do reino.

4 Duas das mais importantes – senão as mais importantes – batalhas da Guerra da Restauração ocorreram no dia 8 de Junho de 1663 (Ameixial) e no dia 17 de Junho de 1665 (Montes Claros), com vitórias portuguesas.

publicação do *Mercúrio*, pois este, no seu primeiro número, propunha-se, no próprio título, oferecer “as novas da guerra entre Portugal e Castela”.

Formalmente, o *Mercúrio* é muito semelhante aos seus antecessores. Como os demais, tinha formato de “quarto” ou *in-quarto*, sensivelmente o actual formato A5. As páginas impressas variaram entre as oito e as 32. Os primeiros três números apresentavam frontispício, mas a partir do quarto número só volta a ser usado em Janeiro de 1664, num número que relata uma visita real a Santarém. Neste caso, no frontispício surge, alusivamente, o escudo real português.

A partir do quarto número, o *Mercúrio* passa, à semelhança da *Gazeta*, a abrir cada número com o título, no qual se incluía a alusão ao mês (por exemplo, *Mercúrio Português Com as Novas do Mês de Fevereiro do Ano de 1664*). Em certos casos, como no referido número de Janeiro de 1664, ao título sucede-se uma chamada, em jeito de “manchete”: *Mercúrio Português com as Novas do Mês de Janeiro do Ano de 1664 – Entrada de S. Majestade em Santarém & Sucessos na Guerra Muito Notáveis*. Esta solução, conforme se sublinhou, também foi usada na *Gazeta*.

Tal como na *Gazeta* e nas *Relações*, as matérias do *Mercúrio* sucediam-se umas às outras sem grandes preocupações com a ordem ou a



Fig. 4 – O *Mercúrio Português*, tal como ocorreu com a *Gazeta* “da Restauração”, exhibe um frontispício no número inicial, que acaba por perder, passando a seguir o modelo gráfico da *Gazette de Renaudot* e de outras gazetas europeias.

hierarquia, a uma coluna, em fonte similar à Elzevir, da família romana (neste aspecto, os periódicos noticiosos portugueses do século XVII não se diferenciaram).

Periódico noticioso criado, conforme o anúncio de intenções do frontispício do primeiro número, para anunciar “as novas da guerra entre Portugal e Castela”, o *Mercúrio* não deixou de, em sintonia com a conjuntura, destacar os acontecimentos bélicos entre os seus conteúdos – talvez de forma “exagerada”, tal a tónica que coloca no assunto (67% das matérias centram-se na guerra) – conforme se observa no quadro 4. O noticiário é, assim, tematicamente desequilibrado. Essa ocorrência sugere que a guerra pela restauração da independência, com tudo aquilo que significava, mobilizava efectivamente as atenções. Uma interpretação alternativa, porém, poderá ser a de que o redactor do *Mercúrio*, em consonância com a política de Castelo Melhor, procurava centrar as atenções dos leitores no combate travado pelos portugueses contra os castelhanos pela sua independência, para mais facilmente granjear apoio público para o esforço de guerra.

Quadro 4

Temas predominantes das matérias do *Mercúrio Português*

Matérias	%
Vida política, administrativa e diplomática	14
Vida social e religiosa	7
Vida económica	5
Vida militar e conflitos bélicos	67
Catástrofes naturais e acidentes	1
Doenças e fome	1
Crimes e justiça	2
Acontecimentos insólitos	2
Outros assuntos	1
Total	100

Excluindo-se o enorme destaque dado às notícias bélicas, proporcionadas, principalmente, pela guerra contra Castela, o noticiário mantém-se, na sua estrutura temática, relativamente semelhante ao das *Relações* e da *Gazeta*. Isto é, as categorias “Vida política, administrativa e diplomática” e “Vida social e religiosa” são as mais representadas. Embora se possa invocar a já referida estabilidade histórica dos critérios de noticiabilidade para

se explicar o fenómeno, também deve ser reconhecido que os redactores dos periódicos seiscentistas portugueses eram pessoas próximas do poder (António de Sousa de Macedo era mesmo um dos governantes do reino), o que ajuda a explicar a relevância que concedem às notícias políticas e diplomáticas e à vida social (muito centrada na corte). É de destacar a crescente importância das notícias de economia, devido, particularmente, à intensificação do comércio entre Portugal e o Brasil e aos movimentos pendulares das frotas.

Considerações finais

Em primeiro lugar, da descrição feita acima pode concluir-se que, embora não seja uma publicação noticiosa periódica, as *Relações* de Manuel Severim de Faria constituem a primeira manifestação portuguesa documentada daquilo que viria a ser o jornalismo noticioso generalista. A *Gazeta* “da Restauração”, cuja publicação documentada se iniciou 13 anos após o último número impresso das *Relações* ter sido editado, já corresponde mais perfeitamente ao conceito de periódico generalista, já que se trata de uma publicação noticiosa em que os vários números se foram sucedendo ao longo de sete anos, com frequência bastante regular, sobretudo nos primeiros anos. Com o jornalismo periódico, os leitores habituaram-se esperar, expectantes, por uma nova publicação num determinado período de tempo e a adquirir o hábito de a comprar, pelo que se pode afirmar que a periodicidade foi um dos factores que contribuiu para a institucionalização social do jornalismo, em Portugal e no resto do mundo. O *Mercúrio Português* contribuiu para essa tendência.

Em segundo lugar, pode concluir-se também que, apesar das *Relações* serem uma espécie de *anuários* de intenção simultaneamente historiográfica e jornalística, comungam várias características da *Gazeta* e do *Mercúrio Português*. Já se enfatizou que todas essas publicações eram noticiosas, mas interessa, em particular, realçar que todas incluíam abundante informação internacional (mais até a *Gazeta* – que após 1642 se centrou nas “novas de fora do reino” – do que o *Mercúrio*, mais focado na guerra da restauração da independência) e que era notícia, no século XVII, o que hoje em dia é notícia (guerras, crimes, acidentes, festas, política e diplomacia,

comércio, descobertas...). Tal ocorrência evidencia, conforme se disse, a natureza cultural dos critérios de noticiabilidade e a estabilidade histórica dos valores-notícia, ou seja, das características que dão aos acontecimentos a possibilidade de serem noticiados. Todavia, o hábito de os jornais europeus traduzirem as notícias uns dos outros, que em última instância radica nas redes de correspondentes formadas pelos euditos europeus desde o Renascimento (Espejo, 2011), era também, decididamente, uma forma de compensar as debilidades na produção própria de informação.

Em terceiro lugar, pode concluir-se que, apesar de tudo, se registam diferenças entre as *Relações* e a *Gazeta* e o *Merúrio*, já que na *Gazeta* e no *Mercúrio* o design se afasta mais decididamente do design dos livros (o frontispício, por exemplo, desaparece), favorecendo a ideia de que o jornal é um produto único e para consumo imediato. Por outro lado, enquanto as *Relações* eram *cartas de novas*, característica bem vincada pelo seu início e final serem redigidos em forma de carta a particulares, a *Gazeta* e o *Mercúrio* já eram, decididamente, jornais, dirigidos a um público que era necessário cativar. 爠

Bibliografía

- BRAOJOS GARRIDO, Alfonso. De los antecedentes a la conquista de la libertad de expresión. In: GÓMEZ MOMPART, Josep L. e MARÍN OTTO, Enric (Editores). **Historia del periodismo universal**. Madrid: Síntesis, 1999.
- CUNHA, Alfredo da. **Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1941.
- DIAS, Eurico Gomes. **Olhares sobre o Mercúrio Português [1663-1667]**. Transcrição e comentários. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.
- ESPEJO, Carmen. European communication networks in the Early Modern Age: A new framework of interpretation for the birth of journalism. **Media history**, V. 17, n. 2, 2011, pp. 189-202.
- GÜRTLER, André. **Historia del periódico y su evolución tipográfica**. Valencia, Campgràfic, 2005.
- HAFFEMAYER, Stéphane. **L'information dans la France du XVII siècle**. Paris : Honoré Champion, 2002.
- JEANNENEY, Jean-Noël. **Uma história da comunicação social. 2ª edição revista**. Lisboa: Terramar, 2003.
- MATOS, Gastão de Melo de. O sentido da crise política de 1667. In: AA. VV. **Anais da Academia Portuguesa de História – Ciclo da Restauração de Portugal**. V. VIII. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1944.
- SÁNCHEZ ALARCÓN, Immaculada. Evolución de la prensa en otros países europeos occidentales. In: PIZARROSO QUINTERO, Alejandro. **Historia de la prensa**. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces.
- SOUZA, Jorge Pedro, coord. et al. **A génese do jornalismo lusófono e as Relações de Manuel Severim de Faria (1626-1628)**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007.
- _____. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- _____. coord. et al. **A Gazeta “da Restauração”**: Primeiro periódico português. Uma análise do discurso. Covilhã: Livros LabCom, 2011.
- STEPHENS, Michael. **A History of News**. New York: Penguin Books, 1988.
- TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. 2ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 1989.
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.